

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): MÁRIO JUNEO FERREIRA DE OLIVEIRA

Quadro referencial: O feminino e a (des)construção conceitual. Imagem.

Resumo

Imagem; imediato daquilo que se compreende, ou se pode compreender. A centralidade da Imagem no contemporâneo faz existir a realidade como sucessão de projeções sobre os nossos olhos, realização fugaz e passageira da normalidade, que para configurar-se como essencial se faz repetir sucessivas vezes, como atos litúrgicos sacrossantos dos arautos modernos. Nesse ínterim, este projeto visou desvelar os caracteres paulatinos que reconduzem o conceito de feminino e o padrão normativo da Imagem das mulheres na sociedade contemporânea. Se estruturando em três etapas distintas e integradas; pesquisa documental e leitura de discursos difundidos sobre o tema, confecção de exposição, e realização (des)construtivista. O desdobramento possível deste projeto foi a realização (des)construtiva de uma exposição aberta, realizada como uma 'bricolagem social', pois, é exatamente o que o sujeito diariamente realiza dentro do seu universo de possíveis.

Palavras-chave: imagem; (des)construção; feminino.

Introdução

A normatividade reversa, o espaço da prática construtiva que o sujeito contemporâneo ocupa como forma e força de exercer e forjar um existir. As pulsões encapsuladas, séculos após séculos de práticas repressivas heteronormativas, agora podem ser uma a uma degustadas diariamente como antídoto a uma tese torta. Desta forma, esta pesquisa visou agregar teoria e prática (des)construtiva ao processo de ensino e socialização, buscou em autores como Derrida, Foucault, Preciado, a fundamentação necessária para uma prática contextualizada. Em Freud o basilar conceito de Imagem, como a representação do real, a *Imago* como ideia de um objeto que é sempre socialmente construído, e o distanciamento da ideia de propriedades do objeto. Estes postulados nos orientaram na busca de compreensão da formação normativa da imagem da mulher no contemporâneo e atual reverso revolucionário que concluímos está acontecendo das formas mais originais e possíveis que julgamos ser. O que intentamos colocar em curso com o empreendimento desta pesquisa e seus desdobramentos foi, a subversão e dinamização das estruturas que se apresentavam como, aparentemente, estável. Quando pensamos em violações e violências sofridas por mulheres¹, exploração, subalternidade, etc., situamos essas experiências sociais marcadas pelo medo e basiladas pela hierarquização binária, em outro quadro referencial, não estimagizante ou reforçador de tais estruturas, posições já marcadas que originaram tais experiências, mas, re-situamos em um quadro referencial que autoriza a subversão, de onde emerge novas relações destas categorias sociais com seu mundo político-econômico-cultural imediato. Fazer compreender, dentro de um discurso acadêmico, as práticas já estabelecidas de grupos situados nas margens, ou na inexistência de um centro, situados em algum lugar que não seja o lugar hegemônico, as práticas de resistência feminista (é importante salientar aqui que, o modelo, ou o conceito de feminismo em causa nessa pesquisa está distante do que emana da heteronormatividade, sendo coisa outra e até mesmo oposta aquilo que denominam como feminismo que nasce para legitimar uma oposição, o masculino), aporte que nos guia a uma visibilidade positiva.

Material e métodos

O percurso empreendido foi, localizar os pontos de fissuras e fricção do discurso sobre a mulher no contemporâneo, para somente não o reproduzir, e reelaborar o conceito a partir de práticas valorativas e positivas, sem engessamentos ou normatizações coercitivas de qualquer natureza. Engendrando dessa maneira, um princípio crítico de racionalidade sobre a sua própria prática social (do sujeito, mulher, homem, transgênero, etc.). Assim, a experiência da pesquisa se completou através de uma exposição em área aberta, de imagens e artefatos elaborados a partir do princípio da bricolagem. Sendo a bricolagem um princípio de ação que emerge de um não-domínio da técnica especializada em arte, desta maneira, a reutilização de materiais para outros fins que o desloca da sua definição social estabelecida. Subversão geradora. O ato possível do sujeito cercado por imperativos sociais.

¹Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. ISSN 1983-7364, ano 10, 2016.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Resultados e discussão

Mensurar resultados de pesquisas qualitativas, sem dúvida, um grande desafio pois, a dimensão trabalhada da pesquisa é sobre o inconsciente/consciente dos sujeitos, visa ocasionar reflexão, criticidade, mudanças de comportamento, provocar maneiras de enfrentamento, etc. Imbuído desses imperativos, este trabalho foi realizado em um período de seis meses dentro da Universidade Estadual de Montes Claros (campus São Francisco), ocasionou debates, mostra de documentários e uma exposição em área aberta intitulada; “FEMININO?”, exposição construída, pensada e sistematizada sobre o princípio da utilização da imagem e da recondução dos conceitos através da manipulação das imagens, através da (des)construção do imaginário sobre a mulher e seu percurso histórico de desaprovações e interditos, ao contemporâneo da sua libertação feminista, transgênero e pós-gênero. Utilizado dos pressupostos da bricolagem para sua confecção, a bricolagem como uma forma de pensar o mundo, de agir sobre este mundo, uma maneira não especializada de construir e fabricar artefatos. Forma exata como o sujeito age sobre o mundo social, uma maneira não especializada, uma colagem sobre colagens, uma impressão sobre reimpressões.

Considerações finais

A condição contemporânea de uma normatividade reversa, coloca os sujeitos sob um imperativo de ação construtiva que os adorna de um *quantum* de poder. O pós-estruturalismo ainda reverbera sobre uma consciência de grupo geradora de condutas que reposiciona os sujeitos dentro de um quadro ainda normativo. Lógicas aparentemente opostas que se friccionam em torno da ideia de poder-conduta-realização. A quem pertence o sujeito? Quem produz o sujeito contemporâneo? Seria ele produto de uma única geratriz? Seria ele, de fato, produto? A mulher é causa ou consequência da sociedade que a envolve? Consequência ou não, o empoderamento da mulher no contemporâneo é pauta posta, o que não evidencia a diminuição da violência doméstica, do estupro, da estigmatização e subalternidade desta categoria na sociedade. Pensar sobre, e fazer pensar sobre esta condição, e da própria categoria *mulher*, sendo esta um constructo social, é parte significativa deste projeto, e parte importante dentro de um projeto amplo de sociedade que está sendo fomentada, gerada, vivida, conduzida, enfim, potencializada em diferentes e diversos pontos do planeta. Esta é a diferencial pós-moderna, uma consciência de mundo, de local, de classe, de fragmentação do sujeito e de suas categorias empoeiradas que não o conduz mais a uma miríade que o deslumbrava outrora. Recondução, reimpressão sobre impressão e reimpressão, o mundo desfeito e feito desfeito para poder fazer existir outras formas de existência que direcionem para uma liberdade de poder forjar-se.

Agradecimentos

Lenize Silva Villas Boas

Referências bibliográficas;

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2.012.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Cap. V. Produtos da aprendizagem; aprendizagem cognitiva. In; **Psicologia da aprendizagem**. 32°ed. Petrópolis: ed. Vozes, 2.002.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 2°ed. São Paulo: Perspectiva, 1.995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: ed. Graal, 1.988.

FREUD, S. (1900). **A Interpretação de Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2.006.

PELÚCIO, Larissa. **Subalternidade quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos Queer**. Contemporânea: v.2, n.2- p.395-418 – jul.-Dez., 2.012.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2.012.

10^o

FEPEG

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-Iedições, 2014.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1ªed.,3ªreimpressão. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

Anexos:

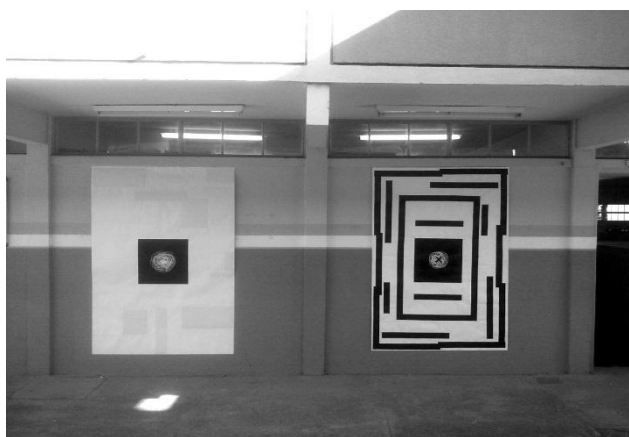


Figura 1: Painel “Dito/não dito” (08-05-2.015)

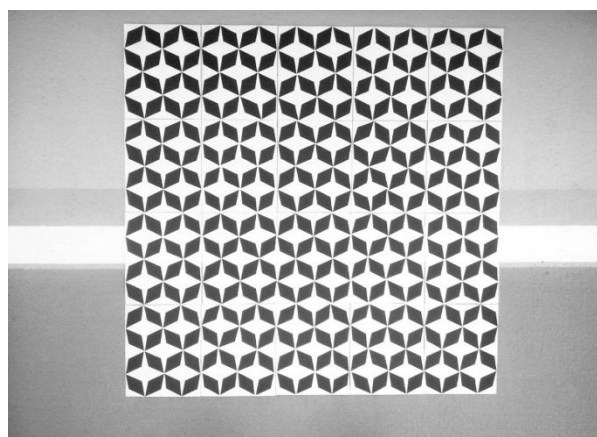


Figura 2: Painel “Laboriosa Creta” (08-05-2.015)



Figura 3: Estrutra “Sociopsicomania” (08-05-2.015)

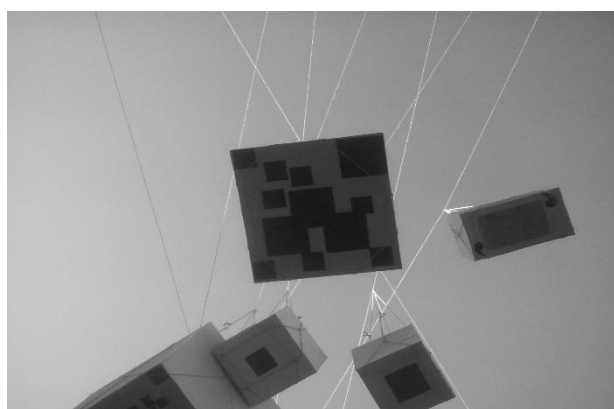


Figura 4: Estrutra “Sociopsicomania” (08-05-2.015)